



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

THAMYRES DUTRA MESQUITA

PROJETO DE PESQUISA

**Bolsonaro: um pai da horda?
Contribuições para pensar a estrutura da transmissão mítica.**

**REDENÇÃO
2019**

Bolsonaro: um pai da horda? Contribuições para pensar a estrutura da transmissão mítica.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Adolfo Pereira de Souza Júnior

**REDENÇÃO
2019**

Bolsonaro: um pai da horda? Contribuições para pensar a estrutura da transmissão mítica.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Adolfo Pereira de Souza Júnior- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinadora: Prof. Dr. Silviana Fernandes Mariz -Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Examinador: Prof. Dr. Francirene De Sousa Paula – Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

SUMÁRIO

01. RESUMO.....	pág. 05
02. OBJETIVO.....	pág. 06
03.1. Objetivo geral.....	pág. 06
03.2. Objetivos específicos.....	pág. 06
04. METODOLOGIA.....	pág. 06
05. JUSTIFICATIVA.....	pág. 07
06. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	pág. 10
07. DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO.....	pág. 13
08. CONCLUSÃO.....	pág. 21
09. NOTAS.....	pág. 22
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	pág. 22

RESUMO

O projeto nasce no contexto frágil da política brasileira. Do fim de um governo popular e do surgimento de uma direita antes tímida. O susto de vermos a direita de mão dada com a bancada evangélica nos palanques diante de multidões nos coloca à pensar qual a crise moral e ética que abriu as portas para a bandeira fascista. O desejo de mudança do proletariado, o desemprego, a crise política pós-Mensalão e o impeachment facilitaram para que as rachaduras se transformassem na eleição de Jair Messias Bolsonaro.

O presente projeto traz o que em comum reside em movimentos de massa – religião e política. Realocaremos a tese de Sigmund Freud (1939) a finalizar no que seria uma compulsão neurótica da humanidade. O entendimento é em torno da figura de Jair Bolsonaro e o líder Moisés da religião judaica, e de que maneira ele foi passível ao uso da massa para ser o líder e transmitir a estrutura primeva do totemismo. A idealização mitificada de Bolsonaro pela massa consistiu na própria identificação de um ideal do Eu e do desprazer de renunciar e viver em um mal estar civilizatório. Por fim, pensar o acesso do primitivo ao nosso tempo presente, e em qual momento a fragilidade da imago do pai permitiu dar voz à direita brasileira.

Palavras-chave: Bolsonaro, Mítico, Pai, Freud, Psicanálise, Teoria Crítica, Moisés, Monoteísmo, Política, Direita, Fascismo.

Objetivo

Esse projeto quer pensar estruturas da transmissão mítica na ascensão das posições de direita mediatizadas através de Jair Bolsonaro. Quer se perguntar sobre a função simbólica que sua figura tem no escamoteamento de tabus fundamentais à estrutura do laço social. Como uma específica experiência de massa materializou posições de direita extremistas antes submersas.

Objetivos específicos

- Identificar as experiências sociais de massa nos seus desdobramentos político-religiosos;
- Examinar as continuidades arcaicas nos fenômenos históricos, articulando memória arcaica e presente;
- Problematizar a função catalisadora da linguagem - o discurso de ódio à diferença - na construção e legitimação do ordenamento fascista;
- Problematizar epistemologicamente as relações de determinação entre indivíduo e sociedade numa articulação entre teoria crítica da cultura e psicanálise.

Metodologia

Nossa pesquisa tem inicialmente como fonte os veículos de produção de informação de massa, assim como, os canais de recepção de uma *memória de massa*. As eleições de 2018 e o processo de ascensão da direita ao poder foram pautadas pelo uso polêmico das *fake news*. A construção do *mito* Bolsonaro ergue-se através de um veículo difícil de mensurar. Para o trabalho com essas fontes, consideramos providente pensá-las através de uma metodologia que possa articular memória, oralidade e trauma – nesse sentido seguimos com Michael Pollak (1989)¹. Nos utilizaremos também de pensadores como os que ocuparam um lugar central nesse contexto como formadores de opiniões como Eliane Brum do El País, assim como dos meios de comunicação de massa mais rotineiros como O Globo, Folha de S. Paulo e Veja Abril. Para o encontro com esse

¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

material nos utilizaremos do banco de dados construído pelo professor Pablo Ortellado² (2017) para pensar o que chamou de *guerra cultural*. Esse extenso trabalho fez um levantamento quantitativo que procurou tipificar os modelos de discurso durante as eleições de 2018.

A parte maior desse trabalho de articulação segue a orientação dos textos *culturais* de Sigmund Freud. Queremos articular uma teoria crítica da cultura através de textos como *Totem e Tabu* (1913) e *Moisés e o monoteísmo* (1939) como base teórica para pensar a estrutura do laço social, a sociedade e seus tabus. Traçamos a teoria da neurose individual da humanidade vista na religião, com o viés político brasileiro e o seu protagonizante do momento: Jair Bolsonaro.

Pensamos também em analisar a massa e o seu comportamento, trazendo obras como *O mal estar na civilização* (1930) e *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) – ambas obras do Freud. A partir desse momento incluímos autores da filosofia política como Walter Benjamin (1986) e Hannah Arendt (1951) abordando a transgressão da lei e o poder dos governos totalitários.

Justificativa

Tão cômico quanto Quadros

Uma democracia acomodada em um único estilo de governo perdurou durante 14 anos: A Era do petismo. O partido dos trabalhadores envolveu-se em dois grandes escândalos de corrupção: o mensalão, descoberto em 2005; e o propinoduto da Petrobras, descoberto pela Operação Lava Jato e deflagrada em 2014 pela Polícia Federal. O *anti-petismo* virou um *slogan* comum que reuniu um novo discurso de direita. Foi através da pauta das reformas políticas genuínas e dos discursos saturados de hostilidade que protagonizou Jair Bolsonaro como o *metralhador de petralhas*. Constituída nesse discurso de reação à crise econômica e política, a direita polemizou o cenário das eleições 2018 e consolidou o seu conservadorismo.

André Singer (2013) nos faz pensar sobre o momento dessa ruptura. Os escândalos de corrupção fizeram com que um sentimento de mudança emergisse. A guinada à direita com a

2 GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. Em *Debate* (Belo Horizonte), v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017.

derrota das *Jornadas de Junho em 2013* mobilizou a articulação de setores políticos de direita. Em *Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas*³, ele compara o *18 Brumário de Luís Bonaparte* de Karl Marx com os protestos brasileiros. Diz que o *Junho* brasileiro produziu um tremor de terra tão forte quanto um terremoto. Eles moveram uma placa tectônica, entretanto, não o suficiente para um desenho insurrecional. É como resto desse abalo sísmico que assistimos a vitória das eleições de 2018 por uma proposta de governo de extrema direita e a mitificação da figura de Jair Bolsonaro.

Como que ele - mais conhecido como um personagem *criador de caso* do que como parlamentar - ascendeu tão rapidamente ao poder? Foi deputado federal em longos 28 anos, passou por inúmeros partidos (PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PP, PSC e PSL) e nessas quase três décadas não construiu influências políticas parlamentares e nem articulou grandes decisões políticas. Desde 1991 cumprindo mandatos, Bolsonaro só conseguiu aprovar dois projetos: (PL 2514/1996) lei que estende o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para produtos de informática e outro que (PL 4639/2016) autoriza o uso da chamada fosfoetanolamina sintética, a "pílula do câncer". Os projetos que aprovou tinham quase sempre um caráter caricato, por exemplo, proibiu o uso de bebidas alcoólicas nos aviões – PL-4273/2001⁴. Esse tom caricato de seus projetos políticos assemelha-se aos projetos do ex-presidente Jânio Quadros. Ambos os presidentes ficaram pouco tempo no poder, mas que ganharam notoriedade e atenção do público pelas suas leis que sempre partiam de questões morais e conservadoras.

“Jânio Quadros é a certeza do Brasil moralizado!” O verso do jingle da campanha que elegeu Jânio Quadros presidente da República já antecipava o seu modelo de gestão. Afinal, foi com a promessa de varrer a corrupção do país — usando a vassoura como símbolo. A onda moralizadora resultou em medidas que interferiam diretamente no dia a dia dos brasileiros. O decreto 50.578, por exemplo, proibiu a realização de corridas de cavalo durante a semana, restringindo-as a domingos e feriados. Também foram proibidos os desfiles de candidatas a miss com maiôs “cavados” em concursos de beleza, a exibição em anúncios na TV “de maiôs e peças íntimas de uso feminino” e até o uso dos biquínis nas praias. Uma das providências de maior destaque e de menor popularidade, foi a proibição das rinhas de galos, muito populares em regiões do Brasil na década de 1960. O decreto 50.620, editado no dia 18 de maio de 1961, proibiu as brigas de galo em todo o território nacional, além de quaisquer outros espetáculos que tinham como atração principal a luta entre animais. (O Globo, 2016)

3 SINGER, André. *Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas*. Novos estudos CEBRAP, n. 97, p. 23-40, 2013.

4 Notas com alguns exemplos de projeto de lei, pág. 22.

Essa pauta política moralizante e populista foi base para sua vertiginosa ascensão causando estranhamento à hipócrita nobreza política parlamentar e depois no poder que obteve por vias eleitorais. Ele representa mais uma comum visão de mundo. Não há nada de excepcional nele e nem em suas pautas morais. O perfil público de Jair Bolsonaro é marca desse traço: indivíduo tradicional na família que posiciona-se sempre com as mesmas críticas pouco fundamentadas. Quase 58 milhões de brasileiros escolheram um homem parecido com seu tio ou primo. Ou consigo mesmos. O jornal Gazeta do Povo⁵ cita o perfil de alguns eleitores de Jair Bolsonaro: seguem esse perfil clássico de homem branco, hétero e classe alta. Cita também aqueles que lhe são opostos: negros, mulheres, pobres e homossexuais. Essa mesma reportagem faz ver também o trabalho de denegação dos eleitores ao caráter racista, homofóbico e machista manifesto em suas declarações. A relativização dessas falas, como na discussão com a deputada Maria do Rosário (PT-RS), na qual ele diz que só não a estupraria porque ela não merecia, se enquadra como se fosse auto defesa dos próprios eleitores, eles se sentem ofendidos, e defendem o seu candidato como se as ofensas fosse dirigida à eles, como uma singela demonstração de fidelidade à sua campanha.

Também é o discurso militarista que articula politicamente o poder social que Jair Bolsonaro adquiriu. É pela força e medo como contrapartida à *bagunça política*, à corrupção e ao rompimento dos valores morais que faz identidade com seus eleitores. Mesmo quando essa identidade esteja associada às práticas políticas da Ditadura Militar no Brasil. Essa é a mesma posição autoritária que assume quando a questão é a alta criminalidade. A posse de arma torna-se fundamental à manutenção da lei e da ordem. É esse instrumento de morte que marca o seu poder político. Se então a política está mensurada entre a vida e morte – poder atribuído a Deus – seu idealizador pode assim assumir a insígnia de *mito*. Não é a toa que o seu semblante é de um homem com uma supremacia incorruptível. Bolsonaro se apossou de toda a ausência de coragem da direita em opinar em assuntos polêmicos. Tudo que é regido socialmente, foi dito e rompido em palanques com megafones à milhões de eleitores. O jargão *mito* foi-lhe adicionado diante da ousadia de assumir a colocação conservadora, como atitudes da posse de arma como defesa, do exercício dos preconceitos com amparo e legitimação do Estado.

Jair Bolsonaro assumiu o poder realizando uma campanha longe do tradicionalismo. Começando pelo seu tempo na televisão, durante o horário eleitoral, que era somente 8 segundos, dificultando o alcance à grande massa ou comunidades mais distantes. Porém, foi pelas redes sociais, de maneira gratuita, com lives no Facebook e tweets no Twitter, que Bolsonaro construiu sua candidatura e seu apoio. Contudo, era necessário uma reviravolta, algo tão perto do

5 "Por que o eleitor de Bolsonaro é tão fiel? Com a palavra, o próprio eleitor" (Gazeta do Povo, 2018)

sensacionalismo que mudasse o rumo das eleições. Fernando Haddad – um dos concorrentes ao cargo – enxergava outras formas de chegar no eleitor que permanecia em dúvida: retornar ao PT (Partido dos Trabalhadores) seguindo os rastros do Luiz Inácio Lula Da Silva ou partir para uma mudança, por mais radical que seja.

Foi depois de sofrer um atentado à morte de um homem chamado Adélio Bispo de Oliveira em 6 de setembro de 2018 em Juiz de Fora – MG que Jair Bolsonaro viu sua vitória acenar. A vitimização do presidente diante da facada sofrida tornou aceitável, entre os seus eleitores, o seu absentismo nos debates. A rede de apoio criada no aplicativo whatsapp foi feita à base de um populismo e notícias falsas⁶, conhecida como “*fake news*”, os seus eleitores tomaram o protagonismo na campanha depois do atentado. Mesmo com a denúncia feita pela Folha de S. Paulo⁷ que empresas teriam investido em pacotes de mensagens contra o PT, os eleitores, novamente, relativizaram ou chamaram a jornalista de “comunista”, como falta de argumentos de defesa.

Os gritos das pessoas que ocuparam o gramado da Esplanada dos Ministérios, em Brasília, foram a parte mais reveladora da posse de Bolsonaro, em 1 de Janeiro. Eufórica, a massa berrava: “WhatsApp! WhatsApp! Facebook! Facebook!”. Quem quiser compreender esse momento histórico terá que passar anos dedicado a analisar a profundidade contida no fato de eleitores berrarem o nome de um aplicativo e de uma rede social da internet, ambos de Mark Zuckerberg, na posse de um presidente que as elegeu como um canal direto com a população e deu a isso o nome de democracia. (EL PAÍS, 4 de janeiro de 2019)

Finalmente, forma-se uma personificação de tudo que é rejeitado na sociedade pelas normas de convivência. O entendimento parte desse fenômeno social: um intervalo de tempo curto para observar-se um revés político e a publicização dessas práticas através da agressividade, preconceito, racismo, xenofobia. Assim como, nessa imagem presidencial transbordada de ódio, os eleitores de Bolsonaro adquiriram empoderamento de posições de direita antes submersas para espetáculos no mundo virtual e nas ruas.

É nesse sentido, beirando ao abismo do caos social e à destruição da frágil democracia brasileira, que olhamos o *fenômeno Bolsonaro* como um fascinante objeto de estudo. Ele merece a

6 Como bem nos lembra Hannah Arendt: “Não se pode atribuir essa popularidade ao sucesso de uma propaganda magistral e mentirosa que conseguiu arrolar a ignorância e a estupidez. Pois a propaganda dos movimentos totalitários, que precede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa, e os governantes totalitários em potencial geralmente iniciam suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planejando cuidadosamente os seus crimes futuros” (ARENDDT. P. 435)

7 “Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp” (Folha de S. Paulo, 2018)

atenção acadêmica para que seja entendível o que se esconde por trás da personificação da hostilidade.

Fundamentação teórica

Freud em Totem e Tabu (1913) aproxima os sintomas neuróticos às práticas arcaicas do totemismo e do horror ao incesto presente nos tabus. Nesse texto de 1913, Freud apoia-se na psicologia experimental de Wilhelm Wundt assim como na antropologia ao seu alcance na época para afirmar que há uma estrutura fundamental na composição do laço social. Para ele, o laço social está necessariamente relacionado a uma renúncia imaginária fundamental que é compartilhada por todos do mesmo clã, da mesma fratria. Os Tabus são manifestações sintomáticas da ambivalência dessas renúncias. Aquilo que é arbitrariamente proibido é também algo desejado. Freud, atravessado pelos indícios antropológicos que tinha acesso - assim como pela clínica dos neuróticos obsessivos - elabora um mito científico para pensar a passagem de um estado arcaico do laço social à forma civilizada. Com base em intuições do poeta e cientista alemão W. Goethe, diz Freud que o laço social funda-se em um crime primordial e seu posterior deslocamento e recalque nos totens e nos Tabus. Essa cena primordial e originária é o assassinato coletivo do pai pelos seus filhos.

Na horda, a figura do pai onipotente centralizava o poder e a posse de todas as mulheres. Seus filhos temiam-no, misturando uma submissão absoluta com a admiração e o amor por serem protegidos por ele. Esse conflito interno entre amar e temer produz um desejo de ocuparem o seu lugar. A queda dessa estrutura totêmica do laço se dá quando os filhos reunidos assassinam o pai e cúmplices do crime cometido renunciam ao incesto e recalcam a cena parricida. É dessa cumplicidade do crime cometido que se estruturaria a experiência civilizatória que tem como ética fundamental a proibição do incesto e a culpa. Para Freud, a experiência civilizatória é devedora de uma ambivalência constitutiva.

Diante do sentimento de culpa por ter matado o pai - e para que não houvesse a repetição mítica de um filho mais forte pelo pai morto - é feito um pacto entre os filhos para que ninguém mais ocupe o lugar dele. A ambivalência desse ato é que mobiliza o seu esquecimento, seu recalque. O totemismo é o resto dessa operação que por um lado esquece do crime cometido e atualiza o resto ético da cena numa substituição da figura do pai por um totem. Pode-se dizer que o discurso freudiano realizou aqui a leitura mítica da constituição da sociedade e da democracia moderna, nas

quais a onipotência da força foi efetivamente conjurada pela associação dos iguais. Teria assim se constituído a ordem social segundo o modelo de uma associação de cidadãos, que deteriam desde então a soberania do povo, isto é, a soberania do múltiplo, como diz Birman (2010).

Em um breve discurso no campo da filosofia política, Birman (2010) diz:

O indivíduo em Rousseau seria tomado pela piedade face à dor e à morte possível do rival, suspendendo assim o exercício da violência” (...) Seria em decorrência disso que a ordem política seria constituída, com a construção correlata da ordem social (Rousseau, 1971). Com efeito, se delinearíamos assim a condição de possibilidade para a constituição do contrato social e da ordem política propriamente dita (Rousseau, 1971). Portanto, seria pelo abandono da violência em decorrência da piedade face à possível dor e morte do outro que os laços sociais entre estes e a ordem política seriam então constituídas.” (BIRMAN, 2010, página 543)

Relacionando assim a política e laço social com o discurso freudiano, o autor destaca essa transformação original da pulsão de domínio, denominada de sadismo originário, que caracteriza-se em um prazer de expulsar e descarregar a força sobre o outro. Esse movimento originário regula sua intensidade pelo limite e pela medida imposta pela culpa, que se transformaria em masoquismo secundário. Em outras palavras, essa transformação arcaica de sadismo para masoquismo é voltada para a constituição de uma associação entre os indivíduos, na qual se marcaria os principais fundamentos: igualdade e fraternidade.

É preciso pensar como essa estrutura de laço social é mantida inconsistente, nessa condição em que precisa ser atualizado a todo instante, seja pelo Estado ou pela Igreja. Como que o indivíduo busca se auto romper e acessar o originário e depositar no outro? A criação dos tabus, regras e contratos sociais parte desse mito descrito cientificamente por Freud, onde o agenciamento e funcionamento familiar, ou da horda primeva, torna o principal diagrama das relações sociais e do Estado, como diz o autor Domenico Uhnig Hur.

O Estado (herdeiro da onipotência do pai primevo), toma tudo a si sem nada dar; o Estado é a instituição que permite à pulsão de morte se desenvolver completamente; finalmente, o Estado (enquanto supressor da sociedade primitiva) não protege contra a guerra de todos contra todos, como acreditava Hobbes, mas exatamente o contrário. Ao se anunciar como o sustentáculo da sociedade pacífica, o Estado se institui como único corpo do desejo e da expressão da verdade. A consequência de tal afirmativa é bem conhecida: ser o único, colocando-se no lugar da verdade, só pode conduzir a humanidade a seu fim. Como já havíamos dito em outro trabalho: ‘O crescimento do Estado, e sua cristalização, é a generalização da castração e da morte’. (Enriquez, 1990, p.143)

Hur pensa no olhar do sujeito na ciência psicanalítica. Ele formula que o Estado, quando desloca para si a simbologia do pai, de sua função de continência ao desamparo vivido proveria a segurança para a existência dos indivíduos em sociedade. Essa seria uma forma subjetiva fundamental à manutenção da ilusão social estruturante do poder político: de que é dever do Estado prover uma vida melhor para todos.

O Estado quando herda toda a função do pai, assume a violência, tomando corpo sob máscara de instituições que colaboram para essa regulação social. É em nome da lei, da ética e da norma que a onipotência se materializa na inconsciência e no guia consciente das ações. A estrutura resultante do Estado é devedora de um laço social arcaico. No entanto, o que faz partir para a indagação desse estudo é a maneira como Jair Bolsonaro ocupa o lugar do Estado, mas ao mesmo tempo encarna de forma imediata a figuração do pai primevo – do pai da horda que deveria estar morto para que a estrutura do laço social que mantém o Estado persevere.

Problematização

I

Pensar a função política da religião sempre exigiu muita cautela. Seja em tempos em que a Igreja ocupou objetivamente a função de Estado ou indiretamente quanto é mantenedora da estrutura ideológica que o mantém. Freud, nas notas introdutórias ao *Moisés e monoteísmo*⁸, nos fala do lugar perigoso que a instituição da Igreja ocupa com relação à cultura. Viver sob a proteção da Igreja causou-lhe hesitações quanto a publicação de muitos dos seus trabalhos psicanalíticos. E, em uma leve alfinetada nos diz: “Se nosso trabalho nos leva a uma conclusão que reduz a religião a uma neurose da humanidade e explica seu enorme poder da mesma maneira que uma compulsão neurótica em nossos pacientes individuais, podemos estar certos de atrair o ressentimento de nossos poderes governantes sobre nós.”⁹ Para Freud esse perigo também estava relacionado à fatores pessoais: a severidade com que tratava as religiões e sua judeidade foram suficientes para adiar a publicação de *Moisés e o monoteísmo*. É com esse livro que foi escrito durante o regime nazista na

8 FREUD, Sigmund. Moisés e monoteísmo. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975 (1939).

9 Ibid., pág. 72.

Alemanha que procuraremos pensar a centralidade da *função paterna* na estruturação política da experiência social.

Durante a escrita desse livro ele se viu várias vezes numa posição de incerteza. Seja em assumir uma posição controversa com relação a tradição judaica – a de que a origem de Moisés era egípcia – seja a de declarar a barbárie fascista como algo familiar a própria cultura. Não lhe faltava convicção na sua tese, já que há um quarto de século Freud já tinha em mãos o seu livro *Totem e Tabu*. Nunca duvidou de que os fenômenos religiosos só podiam ser compreendidos a partir de um padrão de sintomas neuróticos individuais que nos são familiares – como o retorno de acontecimentos importantes, esquecidos, na história primeva da família humana – surgidos por uma origem de caráter compulsivo e que são eficazes por uma força da verdade histórica.

O mito do parricídio arcaico racionalizado por Freud em *Totem e Tabu* é base para todo o desenvolvimento em *Moisés e o monoteísmo*. A estrutura da religião mosaica e de sua história é pensada com base em uma atualização cultural da estrutura totêmica. As religiões são operações de cultura devedoras da centralidade da expiação do parricídio arcaico. Assim como está para o *pai primevo* seu parricídio está para Moisés sua hipótese de que foi assassinado pelos próprios judeus, assim como está o Cristo com relação a sua crucificação. Também o *banquete totêmico* esta no rito do pão simbolizando o corpo de Cristo na hóstia.

É nesse sentido que Freud pode pensar a experiência societária a partir da psique do indivíduo - dos sintomas neuróticos individuais referentes herdados numa transmissão arcaica. São os mecanismos de expiação cultural o trabalho substitutivo do recalque. Assim como o totemismo foi vinculado aos regulamentos sociais e às obrigações morais, tanto quanto a religião, a redução da religião como uma neurose da humanidade, justificada pelo seu enorme poder em cada compulsão neurótica individual, gera a condição de adicioná-la de forma comparativa ao patamar da política. A aproximação do monoteísmo judaico com a estrutura arcaica e política de direita em Jair Bolsonaro é cristalizada pela ambivalência que cada estrutura porta.

II

A verdade material e histórica contida na obra *Moisés e o Monoteísmo* inicia-se em uma história de vida, uma maneira de, a partir de Moisés, poder explicar toda a história da religião judaica. A narrativa constantemente entra em contato com o passado, no qual nos olha e se volta para nós. Walter Benjamin reafirma esse encontro do passado com o presente no texto “Teses Sobre

o Conceito de História” (1985). Esse reencontro se materializa em forma de atualização do trauma. Freud (1939) define trauma¹⁰ como impressões cedo experimentadas e mais tarde esquecidas, em *casos traumáticos* seus efeitos remontam inequivocamente a uma ou mais impressões poderosas nessas épocas primitivas.

Entre os seus efeitos, surge uma ‘compulsão a repetição’¹¹, onde há uma necessidade de pôr o trauma em funcionamento mais uma vez, isto é, atualizar a experiência esquecida ou, melhor ainda, torná-la real, experimentar uma repetição dele de novo, ou, mesmo que ela seja apenas um relacionamento emocional primitivo, revivê-la num relacionamento análogo com outro pessoa, segundo Freud.

O restabelecimento do pai primevo em sua forma histórica, ou seja, a atualização do parricídio uma vez recalçado, nós coloca a pensar sob quem ou o que isso que é arcaico retorna. Na revelia da tradição judaica, Freud elabora a hipótese de que foram os próprios judeus que assassinaram Moisés e que somente com a sua morte, a lei e o laço social mosaico é atualizado. Assim como antes a proibição do incesto se estabelece enquanto lei depois do assassinato do pai da horda, é o decálogo que se faz lei com a morte de Moisés. O desaparecimento da narrativa histórica bíblica é o indício de que também a sua morte foi recalçada. Freud nomeia essa operação de retorno do recalque, quando a constituição histórica das leis fundam-se num procedimento de repetição arcaica. Portanto, o que Freud quer chamar de arcaico não é algo simplesmente relacionado à memória, isto é, a um trabalho subjetivo da memória, mas a uma *atuação*. Assim como a lei do perdão é o resto relacionado a culpa pela morte do Cristo, podemos dizer assim que o que é arcaico na transmissão é a lei que resta, conseqüente do remorso e a culpa pelo crime cometido. Seria uma mera coincidência nosso protagonista atual da ascensão de direita na sociedade brasileira chamar-se *Jair Messias Bolsonaro*?

Freud brevemente escreve sobre Paulo, judeu romano de Tarso, que encontrou momento ideal para desligar do judaísmo uma nova religião, a cristã. Apoderou-se desse sentimento de culpa, diante da atuação, e o fez remontar à sua fonte original, na qual denominou de “pecado original”: um crime contra Deus, e que só pode ser expiado pela morte. Com o pecado original, a morte apareceu no mundo. Na verdade, esse crime merecedor de morte fora o assassinato do pai primevo posteriormente sacralizado. Mas o assassinato não era recordado; ao invés, havia uma fantasia de sua expiação, e, por essa razão, essa fantasia podia ser saudada como uma mensagem de redenção

10 Ibid, pág. 91.

11 Ibid., pág. 94

(*evangelium*). Um filho de Deus se permitira ser morto sem culpa e assim tomara sobre si próprio a culpa de todos os homens. Tinha de ser um filho, visto que fora o assassinato de um pai. Mesmo que entre os irmãos seja comum derrotar o pai, certamente, um deles tinha o desejo maior de cometer o feito sozinho, e criar assim uma posição excepcional para si. A ambivalência que domina a relação com o pai foi claramente demonstrada, contudo, no desfecho final da inovação religiosa. Visando seu lugar, termina por ser destronado e livrando-se dele.

Se Moisés foi o primeiro Messias, Cristo tornou-se seu substituto e sucessor, e Paulo poderia exclaimar para os povos, com essa justificação histórica: "Olhai! O Messias realmente veio: ele foi assassinado perante vossos olhos!" Além disso, também, existe um fragmento de verdade histórica na ressurreição de Cristo, pois ele foi o Moisés ressurrecto e, por trás deste, o pai primevo retornado da horda primitiva, transfigurado e, como o filho, colocado no lugar de pai.(...) O judaísmo fora uma religião do pai; o cristianismo tornou-se uma religião do filho. O antigo Deus Pai tombou para trás de Cristo; Cristo, o Filho, tomou seu lugar, tal como todo filho tivera esperanças de fazê-lo, nos tempos primevos. (Freud, 1939, p. 108)

O modo como Paulo articulou a ideia de redenção para extinguir o sentimento de culpa junto ao destino do pai primevo nos traz o pensamento de Walter Benjamin sobre o mito entrelaçado na política. O filósofo nos faz pensar sobre o campo do direito e a falsa sensação de harmonia de cultura. Chaves (1994) o cita, afirmando que uma teoria do direito só pode fundar-se na conexão necessária que se estabelece entre a ação do destino, o aparecimento da culpa – e a sua naturalização – e a sua indispensável expiação. Não é o domínio do direito, portanto, que pode, historicamente, servir de exemplo para demonstrar a vitória da humanidade contra as forças do mito, mas a tragédia grega, diz o autor. A situação seria pensar a tragédia como uma intervenção do destino, no caso o assassinato de Moisés e a redenção de Cristo.

Na perspectiva de Benjamin, ao contrário, direito e violência são irmãos siameses. Por isso, a tragédia não poderia visar a nenhuma espécie de reconciliação ética. O herói surge, justamente, desse "paradoxo". O homem profano se reconhece, na tragédia, como "melhor que os seus deuses". Ora, a ordem do direito e, em todos os aspectos, a contraposição da experiência do "trágico", pois sua condenação não visa, prioritariamente, condenar para a aplicação da pena, mas sim para a produção da culpa. O destino, neste diapasão, é definido como "a relação de culpa dos seres vivos" (1991b, p. 175). Sua lógica é a do mito, isto é, a lógica que considera a vida como uma condenação, que a vida, antes de mais nada, é condenação para, em seguida, tomar-se culpa (1991b, p. 175). Benjamin quer fazer a sua "assinalação histórica", quer mostrar como a "lógica do mito" pode ser desmascarada pela sua inserção "histórico-filosófica". O direito aparece, portanto, como a perpetuação da ordem mítica nas sociedades que pensavam tê-la eliminado. (CHAVES, 1994, página 19-20)

Chaves (1994) traçando a discussão do judaísmo com o mítico, cita o autor Buber (1988), que considerava uma relação positiva, pois acreditava que existia uma predisposição mítica e característica dos *judeus* desde as origens. É fruto dessa relação que surge uma ‘vivência mítica’, resultando uma intuição de algo que não pode ser entendido facilmente, supracausal, com o signo intangível do absoluto. Ele instaura tais eventos no mundo do divino: ele os mitiza.

Ainda segundo Chaves (1994), Buber vê presente essa tendência à mitificação não apenas no homem primitivo, mas até nas sociedades ditas "civilizadas", surgindo em "tempos de grande tensão e intensidade de experiência", que produzem no homem uma desconfiança em relação a cadeia de "causalidade" com que os fatos eram explicados, ascendendo para algo significativo "além da causalidade", abrindo, portanto, o caminho para o mito.

Chaves (1994), ainda em suas formulações finais sobre o pensamento benjaminiano, cita que a crítica do filósofo teve um direcionamento político preciso. Consistiu em um cenário na qual a Europa estava desenhada de mitos e com bandeiras de grandes guerras, além do apoio entusiasmado e extasiado da população, o ufanismo exacerbado e a necessidade de um *Führer*. A crítica do mito implicava, portanto, no plano imediato, a rejeição dos emblemas justificadores da guerra, e, no plano mediato, reflexivo, uma concepção de crítica fundada numa filosofia da história.

III

A legitimidade popular vertiginosa que obteve Jair Bolsonaro nas eleições 2018, a irracionalidade da aceitação de suas pautas morais, assim como a sua insígnia de mito, são fortes indícios da composição de uma nova figuração expiatória com relação à função paterna. Sua correspondência imediata aos bons costumes, à correção dos valores, ao seu apelo judicioso, demonstra a demanda da massa por uma nova lei que harmonizasse os conflitos culturais. A possibilidade de sua morte no período eleitoral – tendo sido ela verdadeira ou forjada – nos faz pensar na centralidade da figura de Jair Bolsonaro como protagonista de uma nova operação de expiação. Nos últimos tempos, não víamos uma cerimônia de posse no Brasil tão cercada da possibilidade do assassinato do presidente eleito. Homens com metralhadoras camufladas, grades de proteção contra os eleitores. O que tudo isso evidencia é que Jair Bolsonaro é alguém que está para ser morto. Essa tragédia anunciada parece operar novamente no tipo de transmissão arcaica. Não é à toa o apelo popular de seus correligionários em intitulem Bolsonaro como *o mito*.

De acordo com Eliade (2004), o mito sempre conta uma história, relata um acontecimento ocorrido num tempo primordial e irrecuperável, o tempo fabuloso dos “princípios”, inventando como uma realidade começou a existir. No entanto, apesar de se situar em um tempo irrecuperável, tempo perdido para o sujeito, o mito, ao contrário, torna o sujeito contemporâneo a este tempo fabuloso que, se atualizando nele mesmo, é incorporado na história do indivíduo. Portanto, o mito só interessa ser pensado como “mito vivo” (ELIADE, 2004, p.7), na medida em que designa uma história verdadeira, viva e em movimento. (Apud MENDES, 2012, página 14)

Assim como Eliade, também Freud nos faz pensar sobre esse tipo de transmissão mítica:

“Supor que ocorreu na vida da espécie humana algo semelhante ao que ocorre na vida dos indivíduos, de supor, isto é, que também aqui ocorreram eventos de natureza sexualmente agressiva, que deixaram atrás de si consequências permanentes, mas que foram, em sua maioria, desviados e esquecidos, e que após uma longa latência entraram em vigor e criaram fenômenos semelhantes a sintomas, em sua estrutura e propósito.” (FREUD, 1939, p. 99, 100).

Mesmo ocorrido essa latência, Freud não hesita em declarar que os homens sempre souberam que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram. O questionamento que se manifesta é qual a circunstância que faz com que se transpassasse a recordação do inconsciente ao *Id* (lugar onde os instintos primários estão em ação, mas também ainda, com influência do mundo externo). O acontecimento do assassinato de Moisés e, posteriormente, o de Jesus Cristo, repetido e acessado com frequência, acaba que por influenciar esse retorno a memória do parricídio. Fatos causais aparece como fundamentais para a criação do monoteísmo, de maneira que sem o acesso ao primevo, não era possível sua gênese.

Bolsonaro facilitou a transposição ao *id*, inibindo qualquer influência social externa, seus discursos forneceram aos seus eleitores o acesso aos sentimentos primários. No entanto, ao mesmo tempo, desperta-nos uma dúvida na escolha de Jair Bolsonaro. Da mesma forma que Moisés e Cristo protagonizaram grandes capítulos da história, devemos tentar entender: por que ele?

Por conseguinte, se a investigação de um caso específico nos demonstra a influência transcendente de uma personalidade isolada, não é preciso que nossa consciência nos censure por nos termos, através dessa hipótese, precipitado em desafio da doutrina da importância dos fatores gerais e pessoais. (...) Permitam-nos, portanto, tomar como certo que um grande homem influencia seus semelhantes por duas maneiras: por sua personalidade e pela ideia que ele apresenta. Essa ideia pode acentuar alguma imagem de desejo de massas, ou apontar um novo objetivo de desejo para elas, ou lançar de algum outro modo seu encantamento sobre as mesmas. Ocasionalmente, a personalidade funciona por si só e a ideia desempenha papel bastante trivial. (FREUD, 1939, p. 129 – 131)

Podemos pensar que o afrouxamento dos laços sociais ocasionou um declínio da *imago do pai*, segundo De Paula Araújo¹². A estrutura e a função paterna é estrutural, o que está ocorrendo é a falta de ocupante da figuração do pai. Bolsonaro deseja ser esse significante. Mesmo que vazio, o significante precisa operar lógica, para embasar o pensamento neurótico da tese freudiana. Alguns eleitores, veem em Bolsonaro, a busca pelo pai, e, partindo dele, em querer ser o Pai. Mesmo que o presidente esteja mais para ocupar o cargo de *grande bandido* transgressor prestes a reviver a culpa e acessar o parricídio¹³.

É nessa imagem de grande homem, carregado por proporções divinas e a ambivalência, que vemos como é necessário relembrar o quanto em Jair Bolsonaro está um homem banal. O protagonismo que ele carrega não parte de suas características individuais, de grandes feitos assim como de um verdadeiro papel político representativo, mas de uma *imago* burlesca e obscena. Mesmo depois de eleito presidente, Bolsonaro não é reconhecido como um membro autêntico da classe política. Seu governo instituído ainda comporta-se como se estivesse na posição de marginalizado da hegemonia política. O seu lugar mítico por excelência caracteriza-se não por méritos, mas pela exclusão.

IV

Queremos também pensar a experiência de massa e o controle social a partir deste enfoque. O desejo público reprimido de transgredir as leis, mas, ao mesmo tempo, em manter a harmonia social, é uma das marcas da admiração ambígua dirigida à Jair Bolsonaro. É essa ambivalência que faz operar o sentimento de culpa, que segundo Walter Benjamin está presente na admiração e na punição do *grande bandido*¹⁴. Contraditoriamente, por agora ocupar o cargo de presidente, ou mesmo antes de parlamentar, essa ambivalência transforma-se numa obscena identificação. Essa identificação obscena se performatizou e se concretizou em um tipo de orgulho que permite o empoderamento dos atos preconceituosos.

12 DE PAULA ARAÚJO, Ronald. Um estudo crítico sobre o chamado “Declínio da função paterna” na clínica do caso e no social.

13 Benjamin, W. “Crítica do poder, crítica da violência”. In: Documentos de cultura documentos de Barbárie. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

14 Benjamin, W. “Crítica do poder, crítica da violência”. In: Documentos de cultura documentos de Barbárie. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

A transgressão de Jair Bolsonaro junto a admiração que ele carrega, realiza a conservação do laço fundado no arcaico. De maneira que, a facada ou o próprio parricídio vai servir de exemplo para asseverar o poder jurídico. As leis criadas nesse âmbito recordam e mantêm a lembrança do conteúdo que é proibido e que serve como objeto social para reencenar a violência originária. Ou seja, os discursos propagados por Bolsonaro servem para manter a estrutura arcaica e rememorar o crime, que, na ordem, surgem as leis. Os admiradores de Bolsonaro, paradoxalmente, expiam o crime cometendo-o.

O que nos coloca a pensar é como Bolsonaro está servindo como depósito de toda uma estrutura política arcaica. Como, em um cenário psicanalítico, o discurso dele encaixou-se perfeitamente, realizando sentido em um momento delicado nas bases políticas brasileiras. Sigmund Freud, em *O Mal-estar na Civilização* (1930), ainda no pretexto da religião, refere-se ao delírio da realidade:

Mas diz-se que cada um de nós, em algum ponto, age de modo semelhante ao paranoico, corrigindo algum traço inaceitável do mundo de acordo com seu desejo e inscrevendo esse delírio na realidade. É de particular importância o caso em que grande número de pessoas empreende conjuntamente a tentativa de assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade. Devemos caracterizar como tal delírio de massa também as religiões da humanidade. Naturalmente, quem partilha o delírio jamais o percebe. (FREUD, 1930, p. 26)

Prosseguimos nessa realocação entre religião e política. Bolsonaro, na tentativa de formular uma política de acordo com os seus desejos conservadores, fugiu-se da realidade brasileira, em contexto social, de classe e renda. Em seu delírio particular, modificado e incompreensível, atraiu uma massa – seus eleitores – para a busca dos seus pedidos atendidos, ou seja, uma sensação de prazer. Como já foi citado em *O Moisés e o Monoteísmo* (1939), para um auto benefício e proteção. Esse ‘delírio’ precisa ser partilhado, entrar em consenso e se aderir à massa.

“Sua técnica [da religião] consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço, pela veemência fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa.” (FREUD, 1930, p. 29)

Esse delírio da realidade pode ser visto com clareza ainda em seus discursos durante a campanha, quando se foram propagadas mentiras e distorções do real para autopromoção. Hannah Arendt (1951) afirma que não se pode atribuir a popularidade alcançada com as propagandas disseminadas, pois diante de tanta mentira e franqueza, é onde se encontra o palco para vangloriar-se dos crimes passados e planejar cuidadosamente seus crimes futuros; Onde, em palanques, o candidato verbalizava seu preconceito, ao mesmo tempo, avisava previamente como seriam seus

quatro anos de poder. Planejou com testemunhas a morte das minorias. Arendt ainda complementa que a propaganda pode ser substituída pela doutrinação (no totalitarismo), empregando a violência não para assustar o povo, mas sim para dar realidade às suas ideologias.

A autora cita Adolf Hitler “Tudo o que vocês são, o são através de mim; tudo o que eu sou, sou somente através de vocês”¹⁵, porque não trazê-la para o contexto atual brasileiro? Tudo que os eleitores são, perpassa pelo presidente, é através dele, da altura e importância que ele carrega, que o ódio toma forma. É pelo megafone do Palácio da Alvorada que Bolsonaro consegue ser ele mesmo: intolerante, porque através de nós, eleitores, o escolhemos. Ele é o objeto da massa; a massa o manuseio do objeto.

Conclusão

O que foi traçado neste projeto ainda é muito modesto perante a realidade que está sendo testada todos os dias na vida dos brasileiros. São muitos caminhos que ainda poderão surgir nestes quatro anos de mandato do atual presidente Jair Bolsonaro. Não saberemos se nossa frágil e juvenil democracia irá amadurecer e mudar a perspectiva para, enfim, entender o risco de legitimar a entrega da faixa presidencial à um iniciante. O medo, que imagino não ser a única a sentir, é dessa faixa estar servindo de brinquedo, e não de simbologia do pedido de um país melhor de cada eleitor que lhe deu o voto.

Qual destino político de Jair Bolsonaro? *Imago do pai* ou *grande bandido*? Alguém preenchendo a necessidade comum de ter um pai, sendo assim a imagem e função do pai primevo ou um simples bandido que servirá para transgredir, acessar as leis e reformularmos nossa constituição ética e moral.

Penso que o raciocínio não termina aqui. É alarmante o retorno de governos de direita conservadores em países democráticos influenciadores e donos da globalização mundial, como por exemplo, o retorno dos tempos de barbárie nos Estados Unidos com Donald Trump e as eleições na França, além do retorno de grupos neofascistas que estão à vontade para retirar suas bandeiras empoeiradas do baú.

Reconheço que há um caminho longo para essa pesquisa atingir uma possível conclusão. Ainda carece de uma contextualização histórica fundamental do fascismo e dos tempos das grandes

15 ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013. Página 456.

guerras, trazendo reflexões de autores que trabalham governos totalitários, suas estruturas e formas de ascensão.

Notas

- PL 106/2007: Acrescenta inciso ao art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos. O texto Inclui como crime hediondo o roubo de veículos automotores.
- PL 3662/2000: Concede anistia de multas aplicadas a militares com base no art. 15, inciso I, "e", da Lei nº 8.025, de 12 de abril de 1990. Anistia as multas aplicadas aos militares por irregularidades na ocupação de imóveis funcionais.
- PL 2341/1996: Dá nova redação ao "caput" e acrescenta parágrafo 1º ao artigo 30 da Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, que "dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, e dá outras providências". O texto admite o uso de palmas como forma de homenagem após o final da execução do hino que estiver sendo executado, com a presença da bandeira nacional.
- PL 1736/1996: Proíbe o uso de vocábulos estrangeiros na identificação de estabelecimentos comerciais, bem como nos anúncios e nos rótulos de mercadorias.
- PL 1323/1995: Dispõe a instituição do Dia do Detetive Profissional.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013.

BENJAMIN, W. "Crítica do poder, crítica da violência". In: Documentos de cultura documentos de Barbárie. São Paulo: Editora Cultrix, 1986

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história, 1940. Obras escolhidas, 2012.

BIRMAN, Joel. Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. Psicologia USP, v. 21, n. 3, p. 531-556, 2010.

CHAVES, E. Mito e Política: notas sobre o conceito de destino no “jovem” Benjamin. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 17, p. 15-30, 1994.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (1930).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (1913).

FREUD, Sigmund. Moisés e monoteísmo. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975 (1939).

FREUD, Sigmund. O estranho. Obras completas, v. 17, p. 1917-1919, 1919.

FREUD, Sigmund. A Psicologia das Massas e Análise do Eu. Porto Alegre: Ed. L&PM Pocket, 2013.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. Em Debate (Belo Horizonte), v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017.

HUR, Domenico Uhng. Psicanálise e política: considerações sobre o Estado. Revista gestão & políticas públicas, v. 1, n. 1, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. Novos estudos CEBRAP, n. 97, p. 23-40, 2013

MENDES, Larissa da Costa; Winograd, Monah (Orientadora). Por Uma Metapsicologia do Tempo. Rio de Janeiro, 2012, 98p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Jornais

<https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/por-que-o-eleitor-de-bolsonaro-e-tao-fiel-com-a-palavra-o-proprio-eleitor-4m1yimyqh3soyek05g71g3cb2>

https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/29/6-motivos-por-que-jair-bolsonaro-foi-eleito-presidente-do-brasil_a_23574470/

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/facada-foi-decisiva-para-bolsonaro-diz-marqueteiro-do-psdb.shtml>

<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/janio-quadros-quis-varrer-do-pais-brigas-de-galo-corridas-de-cavalo-biquinis-19326640>

<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-tera-8-segundos-de-tempo-de-tv-alckmin-5-minutos/>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>